

Espaços urbanos como arenas de disputa social: racismo estético

João Paulo Xavier

João Paulo Xavier:

Possui graduação em Letras - Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012). Pós-Graduação em TESOL Methods pela University of Oregon. Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras (UFMG); Doutorado em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Seus interesses de pesquisas partem do viés crítico-social dos multiletramentos e das multimodalidades aplicados ao ensino de línguas, Letramento Visual Crítico e Educação Racial. É líder do Grupo de Estudos Críticos para as Relações Etnico-raciais (GECRE/CNPq). Autor do livro: Racismo Estético Decolonizando os corpos negros. Contato: prof.joaopauloxavier@gmail.com

RESUMO [PT]: Este trabalho discute, à luz da Teoria Racial Crítica (LADSON-BILLINGS, 1995) como os espaços urbanos têm se constituído em arenas nas quais as tensões das relações sociais têm sido evidenciadas, principalmente diante das tentativas de silenciamento e apagamento da presença e ações sociais dos sujeitos negros na sociedade. O meu argumento principal é a favor de uma abordagem educacional que explicita as tensões raciais no seio da sociedade diante das disputas pelos espaços urbanos ao mesmo tempo que informe à sociedade e contribua na luta contra o racismo estético. Propiciando, portanto, uma reflexão que esteja alinhada com um projeto educacional antirracista e que acolha a diversidade expressa por meio das múltiplas identidades e estéticas dos atores sociais.

Palavras-chave: Racismo. Estética. Racialização. Educação. Urbanismo

ABSTRACT [EN]: This paper discusses, in the light of the Critical Racial Theory (LADSON-BILLINGS, 1995), how urban spaces have become arenas in which the tensions of social relations have been evidenced, mainly through the silencing and attempts to eradicate the presence and the social actions of black subjects in society. My main argument is in favor of an educational approach that explains racial tensions within society in the face of these disputes over urban spaces while informing society and contributing to fight against all forms of aesthetic racism. Providing, therefore, a reflection that is aligned with an anti-racist educational project and that embraces the diversity expressed through the multiple identities and aesthetics of the social actors.

Keywords: Racism. Aesthetics. Racialization. Education. urbanism.

RESUMEN [ES]: Este trabajo discute, a la luz de la Teoría Crítica Racial (LADSON-BILLINGS, 1995), cómo los espacios urbanos se han constituido en escenarios en los que se han evidenciado las tensiones de las relaciones sociales, principalmente ante las relaciones de silenciamiento y borrado de la presencia y acciones sociales de los sujetos negros en la sociedad. Mi principal argumento es a favor de un enfoque educativo que explique las tensiones raciales dentro de la sociedad frente a las disputas por los espacios urbanos, informando a la sociedad y contribuyendo a la lucha contra el racismo estético. Aportando, por tanto, una reflexión alineada con un proyecto educativo antirracista y que abrace la diversidad expresada a través de las múltiples identidades y estéticas de los actores sociales.

Palabras clave: Racismo. Estética. Racialización. Educación. urbanismo

Introdução

Este artigo surge como fruto de um estudo conduzido com apoio do Grupo de Estudos Críticos para as Relações étnico-raciais (GECRE) vinculado ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e credenciado pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq). Nesse estudo, buscou-se acolher as reflexões dos respondentes acerca de suas histórias pessoais, experiências com o racismo, as pressões sociais que enfrentam quando sofrem rejeições e preconceitos devido às suas estéticas corporais, traços fenotípicos negroides e expressões abstratas e produções artísticas.

A partir desse olhar, uma coleta extensa de dados foi feita e por meio da metodologia de pesquisa Narrativas Autobiográficas as informações fornecidas pelos respondentes foram discutidas. Devido às limitações de espaço, apenas uma das temáticas que emergiram como resultado dessa pesquisa será discutida neste artigo: a questão do silenciamento e o apagamento das vozes e produções negras na sociedade brasileira. Outros aspectos, igualmente importantes concernentes às estéticas negras, incluindo a pele negra, os corpos negros e outras estéticas por meio das quais pessoas negras se expressam serão publicados em trabalhos futuros.

Pensando na melhor forma de apresentar os resultados da pesquisa, a Teoria Racial Crítica será introduzida e, em seguida, passaremos à discussão dos espaços urbanos como arena de disputas sociais e, finalmente, apresentaremos o conceito de Racismo Estético baseado na pesquisa de Xavier (2020).

Teoria Racial Crítica

A Teoria Racial Crítica (TRC) passou a ser estudada e discutida a partir de um viés educacional e pedagógico por meio dos trabalhos dos pesquisadores Gloria Ladson-Billings e William Tate (1995). Ladson-Billings é pesquisadora e professora no Departamento de Currículo e Ensino da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos. Segundo Ladson-Billings, a teoria racial crítica defende que há uma outra história a ser contada.

Ela se baseia, fortemente, na recuperação da história e da memória em oposição ao tradicional, empírico e estéril “Estes são os fatos”; “Isto foi o que aconteceu”. A teoria racial crítica se baseia em uma combinação de disciplinas, não se limitando ao Direito. Na Educação, por exemplo, outras áreas do conhecimento, tais como Sociologia, Antropologia e uma variedade de outras disciplinas são usadas para analisar os fenômenos educacionais desde uma perspectiva crítica (GANDIN; DINIZ-PEREIRA e HYPOLITO, 2002, p. 277).

Para a pesquisadora, as premissas que justificam essa incorporação teórica às práticas e epistemes da Educação se justificam diante da insipiência de teorizações acerca do construto e implicações do conceito de raça. Nesse sentido, as questões referentes às classes sociais e gêneros têm, felizmente, recebido alguma atenção e sido discutidas. No entanto, devido à toda história escravocrata que inferiorizou indivíduos diferentes dos padrões fenotípicos caucasoides ou europeus, a questão da raça e alguns conceitos mais delicados como etnia não receberam a mesma atenção.

A TRC não atua de forma isolada, ela lança mão das contribuições e epistemes de outras disciplinas e campos de estudo para enfatizar a importância da construção de um entendimento que valoriza os saberes, a história e a representatividade dos grupos, anteriormente escravizados e dominados, em ambientes que, historicamente, são elitizados, excludentes e racializados de maneira a fazer a manutenção de um pensamento que inferioriza e segrega pessoas negras.

O entendimento do nosso lugar no mundo e como nossas origens, culturas e interesses se integram para formar as identidades dos indivíduos contribuem no processo educacional que forma, informa, aceita e inclui os sujeitos. “A consciência sociopolítica serve para fazer com que [eles] entendam que os estudos que fazem na escola e o que aprendem aí têm um objetivo social maior” (GANDIN, DINIZ-PEREIRA e HIPOLITO, 2002, p. 283).

Este entendimento possibilita, inevitavelmente, a reflexão acerca de como a Educação pode desempenhar adequadamente o seu papel na formação de indivíduos conscientes das relações sociais e como suas subjetividades são atravessadas pelas tensões e construções identitárias.

Estética urbana e a presença do negro

Dentre as tantas formas de se falar de estética, na Arquitetura-Urbanismo (AU) podem ser encontradas questões pertinentes de serem discutidas. Para isso, é preciso entender que a AU não se resume ao projeto de prédios e ao planejamento das cidades — inclui as pessoas que neles habitam ou que dele fazem uso; bem como todo o conhecimento, história, cultura e tecnologia para produzi-los. Esta imbricação entre os esforços, recursos e interesses humanos conflui para a realidade e a necessidade da criação dos projetos urbanísticos, segundo a Teoria Ator-Rede (LATOURET, 2005; RHEINGANTZ et al, 2019).

No cerne dessas discussões, Sbarra (2020) examina a região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Ao investigar a inserção e a presença de objetos considerados ícones arquitetônicos, como o Museu do Amanhã, o pesquisador discute como estes afetam as relações sociais das pessoas e o ambiente ao seu redor. O autor destaca que a história da construção da identidade nacional se relaciona com a própria imagem que o porto — e a reboque a cidade — reverbera(m) para outras cidades e países. Como a criação da marca “Cidade Maravilhosa” é fruto dessa imagem construída desde o início do século XX e que se perpetua até hoje (SBARRA, 2020, p. 216).

Outro ponto que merece atenção é a história do porto carioca como entrada de um número, até hoje impreciso, de negros escravizados sequestrados da África. Segundo Sbarra (2020), o descaso com o registro da chegada dessas pessoas se deve ao desprezo dos traficantes pelas vítimas que raptavam e traziam para serem vendidas como mercadoria.

A reflexão de Sbarra (2020) sobre a organização urbana em torno dos portos no Rio de Janeiro se justifica pelas atividades que eram realizadas ali. A saber, o escoamento das riquezas das Minas Gerais; a vinda da família real portuguesa em 1808 que ressaltou a importância de um porto como parte de uma “cidade moderna”; e, por fim, já no início do século XX, durante as obras de revitalização feitas pelo prefeito Pereira Passos (mandato 1902-1906), com o intuito de estabelecer uma política de embelezamento que se assemelhasse ao estilo francês, típico da estética da *belle époque*. Essas melhorias tiveram um preço duplamente alto, segundo Sbarra. Em primeiro lugar, os custos financeiros e, em segundo lugar, o apagamento das memórias construídas naquele lugar.

Para a expansão do porto, áreas antes pertencentes à Baía de Guanabara foram aterradas. A famosa Pedra do Sal, localizada no Largo da Prainha, à beira mar, passou a fazer parte do continente e foi, convenientemente, esquecida. Hoje, o Largo da Prainha continua a ser lugar sagrado para religiões de matriz africana, como a umbanda e o candomblé. Nesse local, próximo ao Largo da Prainha está o Cais do Valongo — lugar onde oficialmente o porto se localizou entre 1811 a 1831 e no qual desembarcaram milhares de negros. Devido à vinda da princesa Teresa Cristina, para se casar com D. Pedro II, em 1843, foi construído, por cima do Cais do Valongo, outro cais: o Cais da

Imperatriz. Hoje, quem visita o local pode ver as várias camadas de terra de épocas diferentes e o antigo Cais do Valongo que foi 'descoberto' durante as escavações para as obras do Porto Maravilha. O Cais da Imperatriz também foi encoberto, em 1904, pelas obras de embelezamento propostas por Pereira Passos.

As discussões de Sbarra (2020) revelam como a arquitetura de uma cidade pode ser utilizada de maneira ideológica para a promoção, mas neste caso para o apagamento, da história dos negros que entraram no Brasil por meio daquela região, no período escravagista. Para o pesquisador, as obras e revitalizações iniciadas a partir da escolha da cidade do Rio de Janeiro para sediar a Copa do Mundo no ano de 2014 e as Olimpíadas de 2016 se assemelham às tentativas propostas por Pereira Passos em 1904. Novamente, o *city marketing* se valeu da ideia de algo maravilhoso para criar o "Porto Maravilha", um empreendimento de renovação e revitalização da área portuária, que há muitos anos vinha sendo deixada de lado pelos governos que se sucederam no poder, com o objetivo de deixá-la mais atrativa para os milhares de visitantes em transatlânticos interessados em conhecer as maravilhas prometidas nas propagandas da cidade do Rio de Janeiro (SBARRA, 2020, p. 182).

Para Sbarra (2020), nas melhorias, embora pareçam benéficas e necessárias, subjazem as tentativas de ocultação das comunidades e morros localizados ao redor daquela região. O autor denuncia a construção de arranha-céus de 150 metros de altura que encobrem inteiramente os morros que foram ocupados pelos negros que conseguiram alforria (SBARRA, 2020, p. 190). Esta tentativa de ocultar a presença dos morros ao redor da região portuária não foi exitosa devido à crise imobiliária e econômica, no ano de 2008, inviabilizando o projeto.

Esconder os trechos precários da cidade habitados, majoritariamente, por negros não é novidade na cidade do Rio de Janeiro. Podem ser observados, entre o caminho que leva ao Aeroporto Internacional, localizado na Ilha do Governador, até a chegada na Avenida Francisco Bicalho — que faz parte do projeto 'Porto Maravilha' — imensos tapumes. Esses, foram colocados, em 2010, para esconder as favelas ali existentes dos olhares dos turistas que visitam a cidade. Por ser pesquisador, foi inevitável a curiosidade com relação àquela situação e a reflexão a respeito de como é vista a presença do negro periférico e em situação de vulnerabilidade social nos espaços urbanos. Ironicamente, enquanto a prefeitura se empenhava em esconder os negros e trechos inteiros da cidade atrás de "muros de vergonha" (SBARRA, 2020, p. 179), na região central foram encontrados restos humanos nas imediações do Cais do Valongo, ao longo da linha de Veículo Leve sobre Trilho (VLT) que atravessa o local.

Os ossos são de homens e mulheres negras que foram despojados ao longo da "vala longa, ou seja, Valongo" que é o nome pelo qual a área é conhecida (SBARRA, 2020, p. 200). Apesar de sua importância histórica, não há informações a respeito dessas questões no local, como denuncia o pesquisador.

A estética arquitetônica de uma cidade é projetada de maneira ideológica e através de lentes políticas (XAVIER, 2020). Isto é, a história das pessoas negras que sustentaram a fundação deste país atravessa todas as estruturas sociais que conhecemos aqui: os aspectos urbanos — morros, favelas e a tentativa de escondê-los — a economia, a cultura, as expressões artísticas, as crenças religiosas, a maneira como nos apresentamos e nossas heranças ancestrais. O trabalho de coleta de dados e a documentação das plantas e projetos urbanísticos sobre os quais Marcelo Sbarra discute em sua pesquisa são perturbadores.

O entendimento postulado por Sbarra (2020) a respeito do apagamento da presença negra nos espaços urbanos se caracteriza como uma forma de

Racismo Estético (XAVIER, 2020). Nessa dimensão racial, são rejeitados os vestígios da história e da cultura afro-brasileira. É premente que sejam resgatadas a presença e o protagonismo negro na construção de sentidos para a estética do que compreendemos como brasilidade tanto na arquitetura, nas manifestações culturais e artísticas, quanto nos costumes que contribuíram para a construção da nação brasileira.

Considerações finais

Neste artigo foi discutido como os espaços urbanos se configuram em arenas nas quais as disputas sociais ocorrem. A invisibilização do negro em seus espaços e as tentativas de silenciamento de sua voz são aspectos que precisam ser tensionados e discutidos com o intuito de combater o racismo que rejeita a dimensão estética das produções periféricas de sujeitos negros. Entendo que as pressões sociais e o cerceamento da liberdade de pessoas negras expressarem suas subjetividades por meio de seu próprio corpo e de sua arte são formas de agressões sérias que precisam ser denunciadas à sociedade e combatidas por meio de um processo de educação racial perene.

A análise da estética arquitetônica do caso apresentado, permite o entendimento de que o conceito de Racismo Estético (XAVIER, 2020) é um recorte teórico necessário para nomear e diferenciar esse aspecto multifacetado e importante das construções identitárias de pessoas negras, o seu corpo e as expressões de suas subjetividades como as suas produções antropológicas. Nessa tela, cada cerda dos pinceis recebe uma carga cultural e ideológica desde a sua raiz até as extremidades, como elemento capaz de fortalecer as construções identitárias de pessoas negras que enfrentam avaliações pejorativas e racistas, a negação de sua beleza e a opressão para que sejam invisibilizadas. A desconstrução dessa mentalidade precisa ser fomentada por uma educação ideologicamente orientada, que valorize e inclua a diversidade, questione as ideologias e imaginários coletivos embebidos na colonialidade que ainda permanecem sobre as nações invadidas e colonizadas e, assim, contribua para a ressignificação do olhar que rejeita, desrespeita e tenta alijar as pessoas de suas próprias identidades, destituí-las de seus próprios corpos e cerceá-las do direito ao pertencimento social e produção cultural.

Referências

GANDIN, Luis Armando; DINIZ-PEREIRA, Julio Emilio; HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Para além de uma educação multicultural:** teoria racial crítica, pedagogia culturalmente relevante e formação docente (entrevista com a professora Gloria Ladson-Billings). *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 79, p. 275-293, Ago. 2002.

LADSON-BILLINGS, Gloria.; TATE, William. **Towards a critical race theory of education.** *Teachers College Record*, New York, v. 97, n. 1, p. 47-67, 1995.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social:** an introduction to Actor-Network Theory. New York: Oxford University Press, 2005

RHEINGANTZ, Paulo A.; PEDRO, Rosa M. L. R.; ANGOTTI, Fabiola B.; SBARRA, Marcelo H.; GUERRA, Juliana M. **Contributions from Science-Technology Studies and ActorNetwork Theory to Urban Studies.** *Area Development and Policy*, Brighton (UK), v. 0, n. 0, p. 1-26, 2019. <https://doi.org/10.1080/23792949.2019.1631196>

SBARRA, Marcelo. **Os ícones do Porto Maravilha numa abordagem da Teoria AtorRede.** 2020, 307 fls. Tese. (Doutorado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

XAVIER, João Paulo. **Racismo Estético:** decolonizando os corpos negros. Belo Horizonte: Amazon, 2020, 79 p. kindle edition.

Recebido em: 24/03/2021

Aprovado em: 25/05/2021